# O conceito de objeto na psicanálise: do fenômeno à escrita

Juliana da Silva Monteiro

Resenha do livro *O conceito de objeto na psicanálise: do fenômeno à escrita*, de Daniela Scheinkman Chatelard. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. 258p.

Esta obra advém de uma releitura da autora de sua tese de doutorado - realizada no Departamento de Filosofia da Universidade Paris VIII – e, ao mesmo tempo, da articulação da experiência psicanalítica adquirida no decurso de seus estudos e formação. Daniela Chatelard retoma textos fundadores do pensamento freudiano e da obra de Lacan, contextualizando e distinguindo, de forma magistral, conceitos fundamentais da teoria psicanalítica até chegar ao cerne de sua pesquisa, isto é, sobre o objeto e suas vicissitudes no destino do sujeito e mais, ainda.., sobre a incidência do objeto na ética da psicanálise, na ética do desejo.

Para conduzir sua pesquisa, a autora se propõe a investigar a natureza do objeto e esclarecer suas diversas identidades. Desse modo, empreende um percurso inspirador indo da filosofia à lógica de Frege, da imagem à escrita, da pintura aos hierógrifos, da literatura, das inúmeras definições de objeto encontradas em Freud à audaciosa formulação de Lacan, que define o objeto como para sempre perdido.

Na primeira parte do livro, Daniela Chatelard se propõe a estudar o conceito de objeto em sua vertente imaginária, nela o primeiro objeto em questão decorre de uma imagem primordial, que permite a constituição do *eu* da criança e a estruturação de sua subjetividade a partir da mediação especular. Assim, a dialética entre o sujeito e o outro começa justamente no registro imaginário, pela fascinação provocada pelo olhar, que adquire uma função privilegiada. Freud já definia o estatuto do olhar como narcísico, voltado para o próprio corpo na fase do auto-erotismo; em Lacan, o olhar é elevado a estatuto de objeto da pulsão.

Num contexto inaugural, Freud define o objeto como sem-

pre variável, sendo o meio da pulsão para atingir seu objetivo: tornar possível a satisfação. Nesse processo, a libido do *eu* se metamorfoseia em libido do objeto e vice-versa. Lacan, por sua vez, introduz uma concepção arrojada e fundamental, ao entender o objeto não como algo transformado pelo *eu* ou como objeto que tampone a falta, mas como objeto causa de desejo, que pode até gerar angústia no sujeito, porém angústia enquanto objeto *a*, no qual o trajeto da pulsão deixa o rastro de seu malogro, uma vez que a satisfação procura sem cessar o seu objeto, por essência, para sempre perdido.

Na segunda parte do livro, a autora conduz o seu leitor a entender o objeto em sua vertente simbólica, inspirando-se nas origens da clínica freudiana, ao tomar como base o caso Emma. Usa-o para explicitar o registro de uma memória da primeira marca, inscrita no corpo pulsional do sujeito à sua entrada no universo simbólico. Busca apreender como a criança chega à estrutura de linguagem pela via da percepção, do olhar, de seus gestos e de seu enfrentamento com o Outro real.

Testemunhamos com Lacan, a linguagem está no centro da experiência psicanalítica, sobretudo, com o seu famoso aforismo do "inconsciente estruturado como uma linguagem". Sob esse prisma, a própria experiência da clínica inicia-se pela fala do sujeito, que recorre à palavra para fazer desfilar os significantes de sua cadeia aos quais esteve sujeitado, comandando o seu destino. No pensamento freudiano, deparamo-nos com a descoberta da cena primária, com valor traumático, primeiramente como cena verídica de sedução, e *a posteriori* como cena fictícia, em que a fantasia se esconde por trás do sintoma. Com Lacan, teremos a noção de que a linguagem é traumática, pois funda o trauma na estrutura do sujeito, seja qual for a estrutura clínica: neurose, psicose ou perversão. A partir de tal princípio, Daniela Chatelard vem esclarecer como a linguagem faz furo na estrutura humana, de modo a configurar-se como traumática. E a resposta advém conforme a orientação freudiana e lacaniana – é a fantasia, a *punção* que vem se interpor como uma janela entre o sujeito e o objeto.

Portanto, se de um lado a linguagem faz furo no texto do sujeito, onde até então era puro gozo pulsional, marcando um lugar vazio a ser encontrado incessantemente no movimento desejante do sujeito; por outro, temos o resto, o que foi extraído desse

texto para sempre perdido: o objeto *a* – por excelência o objeto da psicanálise, pois é o único que *ex-siste* e insiste em dar a volta em torno da falta estruturante do ser.

Na seqüência de seu trabalho, Daniela Chatelard apresenta de forma didática e minuciosa alguns esquemas e grafos. Primeiramente, o esquema ótico de Bouasse que serviu de modelo a Lacan para elaborar sua teoria do Estádio do Espelho; a seguir, o esquema dos dois espelhos ilustra de forma esclarecedora a impossibilidade do sujeito e o objeto se encontrarem, tampouco se virem face a face, em virtude da estrutura topológica, moebiana, do objeto *a*, já que, entre este e o sujeito, impõe-se uma relação de exclusão, no qual um é estofo do outro. Portanto, o objeto *a* nunca está em presença do sujeito, uma vez que, em presença do objeto, o sujeito se esvaece. A autora prossegue com o grafo do desejo para investigar o lugar do desejo no simbólico, partindo da existência do sujeito, desde o seu momento de objeto do desejo do Outro, passando pela questão do *O que sou?* e culminando na questão invertida pelo analista *Que quer ele de mim?* - que se origina do *Che vuoi? Que queres?* Do *x* do enigma do sujeito, passando pelo desvio do Outro. A autora recorre ainda à teoria de Merleau-Ponty e de Jean-Paul Sartre para explicitar a fenomenologia da percepção; e à técnica da perspectiva e da geometria projetiva para entender o objeto da psicanálise, a partir de uma estrutura topológica.

Por fim, na terceira parte do livro, Daniela Chatelard aborda o objeto na vertente real, presenteando o leitor com uma linguagem poética e uma interpretação belíssima da teoria psicanalítica, recorrendo também ao diálogo com outros campos do saber para ilustrar suas proposições. Objetiva definir a questão do número, da cifra, da letra, do signo, do significante e o *Um* do traço unário. A autora parte dessas definições para trabalhar sobre o *objeto sem idéia*, concebido por Lacan, no final de seu ensino, para designar o objeto que serviu de causa ao mundo fantasmático do sujeito e que comandou sua relação com o Outro.

Daniela Chatelard vai buscar ainda inspiração no romance de Marguerite Duras - *O deslumbramento de Lol V. Stein* - para explicar a passagem da imagem do objeto para o objeto em torno da mulher, elevando o olhar como objeto privilegiado no caso, que surge em seu estado puro no momento em que Lol V. Stein

cessa de ser o centro dos olhares e presentifica-se como puro olhar, olhando, mas sem estar no lugar de vidente.

Em suma, quanto à passagem da imagem à escrita, pode-se entender que é justamente o lugar em que, outrora, se alojava um objeto como tampão, do qual deve advir o sujeito, transformando-o num objeto que responde ao seu estilo, à sua escrita, originado do que anteriormente teria sido seu sintoma, aquilo que há de mais real, de mais velado no ser. Logo, se o objeto serviu ao sujeito num primeiro momento como causa de seu sintoma, num segundo momento é o sujeito que deverá utilizá-lo para escrever seu *sinthoma*, permitindo-lhe um horizonte: o sujeito como resposta do real, como puro estilo. É assim que o objeto *a* fora extraído do sujeito, tornando-se uma escrita, que surge enquanto transmissão, como um *sinthoma*, como letra extraída de seu discurso. Nessa escrita que faz rotação nos discursos podem ser apreendidos os limites, os pontos de impasses que revelam o real se aproximando do simbólico.

Por conseguinte, depois de percorrer toda uma série do objeto, da forma mais competente possível, a autora encerra a trajetória de sua pesquisa de maneira original com o poeta Francis Ponge e o seu método de *objogo*. O *objogo* fala das regras de um funcionamento complexo e do prazer desse funcionamento fora de toda metafísica, que vai do *objogo* à *obalegria*.

Enfim, a psicanálise nos permite descortinar a dimensão do objeto ao desvelar sua letra pelo ato analítico desprendido do discurso do sujeito. Assim, pela ética do bem-dizer é possível ao sujeito passar do objeto-tampão, pelo objeto causa do desejo, ao *objeto sem idéia* até ao *objogo*, à *obalegria*, partindo do sintoma fenomenológico de origem, até à escrita de um estilo. Finalmente, é por todos esses preciosos ensinamentos e contribuições notórias, que essa obra se configura como leitura indispensável.

recebido
15/02/2007

aprovado
20/03/2007